

Procedimentos metodológicos de pesquisa com jovens infratores: a importância da história oral

Methodological procedures of research with young offenders: the importance of oral history

Andréa Souza Marzochi

Pedagoga, Mestranda em Educação, Faculdade de Educação – Unicamp

Resumo

Neste artigo pretendo discorrer sobre a perspectiva da História Oral adotada na pesquisa de mestrado com o título “*História de Vida dos jovens da Fundação CASA: o lugar da escola nessas vidas*”, que seguiu as orientações do Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP), principalmente os escritos do professor José Carlos Sebe B. Meihy. Com objetivo de aprofundar os estudos sobre os jovens que cumprem medida socioeducativa de internação no Estado de São Paulo, entrevistei sete internos que se tornaram colaboradores da pesquisa. Seguindo as referências do NEHO, não realizei somente a transcrição das entrevistas, mas ainda a textualização e a transcrição, que foram de suma importância para a elaboração de um texto final que permita refletir sobre a sociedade contemporânea a partir das experiências de grupos socialmente excluídos.

Palavras-chave: História Oral; Fundação CASA; Juventude.

Abstract

In this article I intend to discuss the perspective adopted in the Oral History Master thesis with the title “*History of Life youth CASA Foundation: the place of the school in these lives*,” which followed the guidelines of the Center for Oral History at the University of São Paulo (NEHO / USP), especially the writings of Professor Jose Carlos Sebe B. Meihy. Aiming to deepen youth studies that meet socio-educational measure of hospital in São Paulo, interviewed seven inmates who become research collaborators. Following the results of Neoh, did not realize only the transcription of the interviews, but still textualisation and transcreation, which were critical for the development of a final text that will reflect on contemporary society from the experiences of socially excluded groups.

Keywords: Oral History; CASA Foundation; Youth.

Este texto é fruto de minha pesquisa de mestrado, em que busquei conhecer a trajetória de vida dos jovens que cumprem medida socioeducativa de internação na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA), problematizando sua relação com a escola. A pesquisa teve como trabalho de campo uma unidade da Fundação CASA localizada na cidade de Campinas, com perfil de internos reincidentes, de onde foram selecionados sete jovens colaboradores para entrevistas realizadas dentro da unidade de internação.

Iniciei contato com a Fundação CASA no ano de 2011, pedindo autorização para frequentar uma unidade e realizar entrevistas individuais com os jovens internos que tivessem interesse em colaborar. O pedido foi feito respeitando todas as normas da instituição para realização de pesquisa, expressas na portaria normativa 155/2008. A autorização veio quatro meses depois e, em janeiro de 2012, passei a frequentar a unidade selecionada.

O número de sete entrevistados se deu depois que realizei rodas de conversa para me aproximar dos jovens e de aplicar um questionário que elaborei com o intuito de colher informações mais pessoais dos meninos e saber quem estava interessado em participar da entrevista. Na verdade, num primeiro momento, minha vontade era entrevistar a todos. No entanto, me mantive focada no objetivo central da pesquisa e selecionei jovens que haviam passado por escolas particulares, por escolas públicas, que aprovavam a escola da Fundação, que reprovavam, que haviam estudado em escolas fora do estado e que tinham lembranças positivas com professores ou que não tinham lembranças nenhuma da escola.

Cheguei a um número de 20 possíveis entrevistados, era ainda um número bem alto, mas que foi diminuindo conforme fui tentando entrevistá-los. Isso porque, alguns dos adolescentes que selecionei, em um prazo de quinze dias até retornar contato novamente para dar início às entrevistas, já haviam saído da instituição. Outros - um total de oito - não encontrei a família para pedir autorização formal para a entrevista, pois não visitavam o jovem. Dessa maneira, consegui fechar um número de sete entrevistados para a pesquisa.

Meu interesse na pesquisa realizada deve-se principalmente ao fato de entender que cada um tem uma história que deve ser contada e conhecida, principalmente para que as experiências vividas nessas histórias não sejam perdidas. Neste sentido, a História Oral estudada e orientada pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo, apresentou-se como melhor possibilidade para registrar as experiências de pessoas por meio da fala.

Os estudos do professor José Carlos Sebe B. Meihy foram o referencial teórico metodológico adotado na realização da pesquisa. Segundo o professor a História Oral é:

“Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistados. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.” (MEIHY e HOLANDA, 2010: 15)

A História Oral, na perspectiva dos autores é uma parte do conjunto de fontes orais, tendo como principal manifestação a entrevista. Sobre isso, chamam a atenção para o fato de não ser (a entrevista) exclusividade da história oral. Entrevistar não é fazer história oral, seria um equívoco de pesquisa supor que, ao fazer uso de entrevistas, está se fazendo história oral. No entanto, toda história oral utiliza-se da entrevista, que acaba sendo o epicentro da pesquisa, tudo deve girar em torno dela, pois atuam como força centrífuga das preocupações. (Ibid: 72).

Caldas (1999: 96), concordando com esta perspectiva da história oral, também chama atenção para a importância da entrevista como momento de troca de experiência que não deve ter um fim em si mesma:

“É um processo de busca de significados da sociabilidade enquanto presente, por meio dos fluxos narrativos próprios de indivíduos, grupos e comunidades. A busca não é pela oralidade, por textos ou pelo estabelecimento de outra ciência, mas pela comunicabilidade, pela repolitização das falas, por outra maneira de criar o conhecimento e compreender as realidades, por um tipo de desdobramentos vivo do presente.”

A história oral permite apreender dados não registrados em documentos, os pequenos detalhes da trajetória de um indivíduo, além de conhecer as percepções de cada pessoa sobre determinado assunto, isso porque está focada no sujeito. “Em termos sociomoraís, a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social.” (MEIHY e HOLANDA, 2010: 37).

Caldas (1999: 81), citando o professor Meihy, observa ainda que a meta da história oral é valorizar o indivíduo, o ato de narrar e exaltar o valor da experiência como resultado da vida, “... sem perder a dimensão coletiva, interpretativa e política, tanto dos procedimentos como da reflexão em geral, pois são exatamente essas dimensões repolitizadas do presente que exigem um novo redimensionamento teórico.”

Ao mesmo tempo, segundo os autores, a história oral tem um compromisso social com os colaboradores de suas pesquisas. Os trabalhos que a utilizam como metodologia devem visar serem facilitadores de políticas públicas para os sujeitos estudados:

“... cabe ao oralista, normalmente, lutar pela identidade da voz e da vida daquele que não deve ser mais uma-coisa-sendo-estudada, mas indivíduos plenos, texto vivo que, antes de se tornar documento, se tornará ficção textualizada ao se plasmar em parte num texto escrito.” (Ibid: 88)

O termo “colaborador” (MEIHY e HOLANDA, 2010) para se referir aos entrevistados, é empregado justamente por se reconhecer o trabalho cooperativo que existe, dentro da história oral, entre pesquisador e sujeitos. Esta ligação vai além da relação entrevistador/entrevistado, porque exige do pesquisador uma devolutiva de seus estudos frente às vidas relatadas.

“Nossa *missão* não é a de domá-lo (o entrevistado), transforma-lo em conhecimento, mas ambos nos tornarmos mais conscientes de nós mesmos e do mundo que nos *u*, dando nitidez aos horizontes e aos eixos dos nossos presentes, apreendendo melhor as ficções que somos e em que o mundo nos transformou.” (CALDAS, 1999: 100)

Dessa maneira, acaba sendo um grande desafio o trabalho com história oral, pois entendê-la como algo maior que a entrevista, exige pensar a estruturação de procedimentos capazes de garantir a ela seu mérito de ir além do possível valor informático que possa conter.

Neste sentido o projeto em história oral acaba tendo grande valor, pois é a partir dele que se terá claro qual o objetivo do trabalho a ser realizado. Meihy e Holanda (2010) explicam que há três questões que devem estar esclarecidas no projeto em história oral: *de quem? Como? e Por quê?*

Os autores entendem que a história oral é um conjunto de procedimentos, por isso a importância do projeto, para que se reflita nos procedimentos necessários a toda história oral e de que maneira isso será resignificado pelas especificidades da pesquisa que se pretende realizar.

É importante que se tenha claro que um conjunto de procedimentos não pode ser entendido como um método fechado, que amarre o pesquisador. Caldas (1999:70) discorrendo sobre o sentido do método em história oral, afirma:

“Método em história oral é inflexão livre e consciente do oralista sobre si mesmo, sobre seu presente e todas as espessuras, todos os nódulos, dimensões, brechas, mistérios, perversidades, língua e linguagens do presente. Não é camisa-de-força (como se o presente pudesse ser apreendido por meio de normas específicas e só existisse um presente, uma realidade, um corpo, uma interioridade, uma imagem, um sentido, um significado, uma voz), mas a maneira possível de o presente se deixar seduzir e a vontade do oralista em criar até o fim sobre e dentro desse determinado presente.”

Um dos primeiros procedimentos a ser referenciado em um projeto que se proponha fazer uso da história oral é ter bem claro qual gênero pretende-se estudar, caso contrário, poderá comprometer o projeto, já que as entrevistas e o modo como elas se darão dependem desta clareza. Meihy e Holanda (2010) explicam que, dependendo dos objetivos do projeto, a história oral poderá ser: *temática, de vida ou tradição oral*.

A história oral temática levanta dados orais de um mesmo tema por meio de diferentes colaboradores. Já a tradição oral tenta apreender o cotidiano e a cultura do outro, se aproximando bastante da etnografia¹.

Minha pesquisa está dentro do gênero *História Oral de Vida* que tem como enfoque maior a vida de

¹ Ver mais em MEIHY e HOLANDA, 2010: 34.

quem é entrevistado. A ideia não é fazer sua biografia, porque não se exige seguir o tempo cronológico, mas as lembranças que surgem durante a entrevista.

Este tipo de entrevista não necessita de muitas perguntas, por não ser um questionário ou interrogatório sobre a vida do colaborador, mas apenas perguntas abertas, que possibilitem a ele relatar sua história da melhor maneira para si. Neste caso, durante a entrevista, o papel principal do pesquisador é saber ouvir e estimular a fala do entrevistado.

“No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções.” (MEIHY e HOLANDA, 2010: 34)

A preocupação com o gênero em história oral é válida porque só a partir dele que se pode pensar nas estratégias de como se dará as entrevistas, que é a parte determinante dos estudos.

Novamente estamos diante da entrevista, agora já realizada. Neste momento surge o seguinte questionamento: se ela é a parte central do trabalho em história oral, como proceder a partir de sua gravação?

A entrevista em história oral é sempre um momento determinante. Como vimos, é um espaço de troca, é um diálogo: “...mas não é somente entre *pessoas*, mas entre *tempos, imaginários, ideias, corpos, experiências, vozes, imagens diferentes*. E deve ser nessa, com essa e para essa *diferença* que deve acontecer o diálogo.” (CALDAS, 1999: 100)

Esse diálogo continua depois que a entrevista termina, no texto, no trabalho textual final, o qual deve expressar, trazer nele, toda a riqueza do diálogo estabelecido na conversa, para além de uma pobre objetificação científica. Por isso que, para todos os autores referenciados, depois de realizada a entrevista, o pesquisador deve proceder a três etapas: transcrever a fala, textualizá-la e transcriá-la.

A *transcrição* é a passagem do oral para o escrito, é a transformação da fala do colaborador num texto, registrando todos os vícios de linguagem da forma oral, sem alterar a fala.

Para a perspectiva teórica adotada, esta é a primeira etapa do trabalho com as entrevistas, no entanto, em outras perspectivas podemos encontrar esta como sendo a última etapa “... o que ocorre em geral quando a preocupação não se concentra na narrativa em si, mas nas informações ali contidas e que já neste momento conseguem dar conta de suprimir as lacunas observadas pela pesquisa.” (EVANGELISTA, 2010: 175)

Caldas (1999: 105) explica porque é importante ir além da transcrição nesta perspectiva da história oral: “Nossa grande busca é pelo *sentido do outro*, por seu *significado social*, por sua *integralidade vital*, não somente por pretensas palavras fiéis.” (Grifo do autor)

Ainda segundo o autor, transcrever uma entrevista para utilizar-se dela como suporte teórico, como exemplo daquilo que a teoria discute, pode ser uma atitude discriminatória de classe, tendo em vista que, ao citar trechos da obra de um autor, dá-se a referência para que o leitor busque posteriormente na íntegra a citação. No entanto, recortar uma fala e colocá-la no meio do texto interpretativo é desrespeitar a experiência narrada, pois não há como consultar o todo da entrevista.

“Na verdade, aquilo que se faz com nome de História Oral é tão somente um preconceito de classe (classe média que, ao se sentir culpada, quer redimir-se conversando com os miseráveis), que não escuta os desgraçados, que usa pedaços do que eles dizem, mistura depois com suas perguntas direcionadoras e está feito o suporte para suas brilhantes palavras: e tudo fica em paz.” (Ibid: 84)

Na *textualização*, ocorre a “limpeza” da escrita, as falas orais são transformadas em falas escritas, respeitando a norma culta e retirando a voz do entrevistador, deixando fluir as falas do colaborador.

A última etapa, a mais admirável talvez dentre as formas de se trabalhar com os dados da entrevista, e possivelmente a mais difícil, é a *transcrição*. Transcriar é acrescentar sensações ao texto, aquilo que não foi dito, mas percebido ou visto pelo entrevistador. É o momento do pesquisador se colocar também no texto que está sendo escrito, é o encontro das experiências do colaborador com as do pesquisador, e deste encontro nasce uma narrativa:

“A noção de *transcrição* ganha novos sentidos na história oral, pois sugere a fatalidade da transcrição como ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado.” (Ibid, p. 136)

Não reconheço nas minhas entrevistas uma transcrição fiel à orientada por Meihy, acredito que a realização da transcrição exige um tempo que eu não possuía para conseguir alcançar este texto criado, no entanto, não acho que o que apresento seja apenas a textualização das entrevistas, pois consegui, de certa maneira, colocar nos textos palavras que não foram ditas, mas percebidas.

Estas etapas, tão importantes para o trato com os dados coletados na entrevista tem uma razão de existir nesta proposta de trabalho com a história oral. Não é por acaso que se propõe o não recorde das falas, mas a sua transformação em um texto final que imprima não exatamente aquilo que o colaborador disse, mas tudo que ele queria dizer.

Caldas (1999: 86), explica que o texto oriundo destas três etapas tem uma função política porque, quando o oralista não recorta o texto, não o destitui de sua complexidade e de seu contexto maior, está, na verdade, respeitando e garantindo a esse texto sua verdadeira função, é “um tipo de trabalho, forma de pensar o texto com destinação social, não aos membros da seita, mas ao processo político de compreensão e modificação do real.”

Ou seja, todo o processo de transcrição, textualização e transcrição não é apenas um meio de facilitar a leitura da entrevista para o leitor, mas uma forma de garantir a força política daquela história e, consequentemente, daquela escrita. Porque, ainda segundo o mesmo autor:

“A ideia de “suprimir as perguntas para proporcionar ao leitor um texto corrido e fácil de ser lido” é a que vai ser o centro da criação textual e a que permitirá maior compreensão não somente do texto e da leitura, mas, fundamentalmente, daquelas dimensões interiores que é preciso conhecer e criar de maneira a se respeitar aquele que fala do vivido na sua dimensão de sujeito, ou melhor, na tradicional dimensão de sujeito da história.” (Ibid, 87)

Com isso, importante também pensar nos procedimentos que devem ser tomados depois da transcrição realizada, ou seja, do texto pronto.

A primeira providência a ser tomada assim que o processo de transcrição for finalizado, é a devolutiva do texto para o colaborador da pesquisa, para a sua verificação e aprovação. Caso haja divergência do colaborador com o texto final de sua entrevista, este deverá ser refeito, pois o importante é que o colaborador se identifique com o texto criado e não seja um estranho àquela história.

Somente depois da aprovação pelo colaborador, o texto transcrito poderá ser publicado - observando o fato de ser, a história oral, uma possibilidade de trabalho a ser utilizada não somente no universo acadêmico. Na apresentação de seu livro, Meihy e Holanda (2010: 10) dizem que:

“Entre outras alternativas, a história oral se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidade humana. O fato de ser amplamente aceita pelo público a faz desafiadora do exclusivismo acadêmico, ainda que as disciplinas universitárias também a disputem.”

No âmbito acadêmico, a publicação de trabalhos exige que se avance para além da publicação das entrevistas transcritas. Torna-se importante uma análise daquilo que foi apreendido.

Caldas (1999:110), atentando-se para esta necessidade acadêmica observa que o texto transcrito não é um texto que se explica em si mesmo, cada leitor é chamado a reinterpretá-lo “... os textos transcritos tornam-se realidades abertas que exigem abertura e enfrentamento (...). Como os textos são resultantes de uma poética da experiência, clamam por uma poética da leitura e por uma poética da interpretação.”

O que entendo com isso é que a “análise das entrevistas” seria um termo que não caberia neste tipo de trabalho, a função do pesquisador, mesmo no meio acadêmico, não é decifrar o colaborador, fazer de sua história um suporte para um aporte teórico, mas elaborar com aquele texto, com aquela história, um diálogo: daquilo que foi aprendido pelo pesquisador, por meio das narrativas, com sua bagagem teórica.

Caldas (1999: 112) diz que, para este diálogo, o pesquisador deve levar em conta tudo aquilo que o ajuda a entender o mundo que o cerca. É uma conversa feita do pesquisador para o colaborador a partir das narrativas:

“Interpretar é dialogar não um diálogo de aceitação, mas de desdobramento, de enriquecimento de sentidos e significados. É dizer mais, é relacionar, é fazer frutificar os múltiplos sentidos simbólicos e vivenciais do vazio, do silêncio, das palavras, do corpo e das interioridades.”

A partir disso, o autor atenta-se para aquilo que interpretar não é: não é ficar no âmbito das falas; documentar ou entrelaçar assuntos; contar a história do texto com as suas palavras; explicar a história; expor a história; fazer uma simples análise de palavras. (Ibid: 111/112)

Explicada desta maneira, a interpretação passa a ser um grande desafio para quem se propõe a trabalhar com esta perspectiva da história oral. Entendo que, quando Caldas chama atenção para aquilo que interpretar não é, está expondo também que não há uma receita pronta a interpretação em história oral.

Não por acaso, Meihy e Holanda (2010) chamam a atenção para o fato de que a história oral deva sempre estar vinculada aos interesses sociais, pois se fosse apenas mais uma fórmula acadêmica de análise da realidade, não exigiria que o trato com as entrevistas fosse tão completo, transformando esta no epicentro da pesquisa.

A partir dessas considerações sobre a história oral proposta e realizada pelo NEOF, é possível refletir a respeito da sua importância para uma escrita mobilizadora do social.

“Por essa visão, nada do que é humano deve ser alheio ao oralista. Todas as realidades, todos os materiais, todas as linguagens, todos os símbolos pertencem ao seu universo de paixões. Uma de suas metas é restabelecer homens concretos em relações sociais vivas e dinâmicas. A busca não é pelo estabelecimento de outra ciência, mas pela comunicabilidade da experiência, pela expressão da coletividade, pela repolitização das falas, por outra maneira de criar o conhecimento e compreender a realidade por meio de novas maneiras de reflexão que consigam alcançar estas metas.” (CALDAS, 1999: 75)

Em minha pesquisa, a história oral fez sentido como maneira de garantir a troca de experiência entre pessoas e também uma nova possibilidade de expressão para aqueles que compartilham das experiências relatadas pelos colaboradores.

É dessa maneira que entendo a importância desta forma de pensar e fazer história oral, pela conotação política que tem e por buscar, por meio das histórias, transgredir o real.

Referências bibliográficas

- CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. 1999. Editora Loyola: São Paulo, 133 p.
- EVANGELISTA, M. B. 2010. **A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista**. *In*: Revista de História Oral Oralidades. São Paulo. NEHO/ LEI – USP. p. 169 – p. 181.
- MEIHY, J. C. S. B. 1991. **Canto de morte kaiowá: história oral de vida**. Editora Loyola: São Paulo, 1991, p. 11 – 33.
- _____; HOLANDA, F. 2010. **História oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto: São Paulo. 2 ed. 175 p.